

Relações sociais e produção de conteúdos por adultos com idade avançada: análise de experiências em grupos do Facebook¹

Eloisa Joseane da Cunha KLEIN²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, RN

Resumo

O texto estuda formas de relação pessoal e produção de conteúdo por adultos com idade avançada que participam de grupos no Facebook, trabalho que servirá como base para a realização de pesquisa subsequente em Natal, RN. O texto reflete sobre as características do envelhecimento, a utilização de tecnologias digitais e as relações sociais desenvolvidas via participação em redes digitais. Estas perspectivas são tensionadas por análise de lógicas de publicação e modalidades de relação entre os participantes dos grupos de Facebook Imagens e Mensagens Legais, Imagens de Ijuí e Ijuhy de Antigamente, sendo entrevistados sete adultos com idade avançada, selecionados por critérios de regularidade de participação. Nota-se uma aprendizagem contínua e em associação com os outros membros do grupo, além de uma produção individual com desdobramentos de atividades coletivas.

Palavras-chave: Facebook; Grupos do Facebook; Adultos com idade avançada; Comunicação; Redes sociais digitais.

Introdução

O texto analisa relações sociais e produção de conteúdo por adultos com idade avançada que participam de grupos no Facebook, refletindo sobre o uso de tecnologia e a inserção em redes sociais digitais. A noção de adultos em idade avançada contempla pessoas com idade igual ou superior a 55 anos (BACHA et al., 2013), em âmbito mais amplo do que a definição de “idosos”. Na fase avançada da vida adulta tem início o processo de envelhecimento, que tem características diversas entre humanos, com variáveis individuais, sociais, econômicas, culturais (CANCELA, 2007). Embora a ênfase não se volte à adoção e uso da tecnologia (cujas pesquisas tendem a centrar-se no exame das barreiras de acesso), tais referências auxiliam na contextualização e análise do caso. Utiliza-se também literatura baseada em dados advindos de amostragens com pessoas destes grupos etários. A partir disso, faz-se uma análise inicial das relações sociais entre adultos com idade avançada nos grupos: Imagens e Mensagens Legais, Imagens de Ijuí e Ijuhy de Antigamente. A

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. eloisa.klein@gmail.com

observação destes grupos tem origem em minha inclusão entre seus membros, com leitura das publicações e atenção às lógicas relacionais entre as pessoas.

O estudo sobre o uso de tecnologia foi motivado pela observação do acesso a dispositivos digitais por membros de minha família. Meu pai foi usuário tardio de computadores: após seus 70 anos, quando meu irmão comprou uma máquina nova e lhe presenteou com a antiga – seguindo tendência de idosos que usam equipamentos porque os ganham de presente (BACHA et al., 2014). Seu aprendizado ocorria lentamente e por etapas (BORGES, 2012). Minha mãe nunca quis aprender a usar um computador, mesmo com a insistência de meu pai – tinha características de medo e receio de danificar o equipamento (RAYMUNDO, 2013), que lhe impediam de se apropriar desta tecnologia.

Em 2013, no entanto, presenteei-a com um tablet simples, que permitia tirar fotos de baixa qualidade, rodar o Facebook e alguns jogos. Nesta época, meu pai já havia sofrido dois Acidentes Vasculares Cerebrais e pouco podia fazer em um computador – e minha mãe passava a se interessar por ajudá-lo. Numa conjuntura ruim, meu pai foi hospitalizado com graves crises de pneumonia. Entre as atividades de cuidado do meu pai, foi o tablet o parceiro silencioso de minha mãe. Após a perda do companheiro, minha mãe repetiu a ação comum a várias mulheres que fazem parte dos grupos do Facebook: usou o site para interagir com os filhos, aprender coisas e descobrir ressignificações para seu dia a dia, rompendo com o isolamento comum a idosos (GOLDMAN, 2007). Sandra Rubia Silva (2013) trata sobre a apropriação da tecnologia digital pela utilização de celulares por alunas com idade avançada de sua turma de Educação de Jovens e Adultos. Silva relata a dificuldade de uma aluna em aprender letras e em encontrar um arquivo no celular – o que denota a diferença que aspectos sociais, econômicos, físicos impõem ao uso da tecnologia, havendo necessidade de educação para a cidadania via inclusão digital.

A partir deste contexto, busquei observar as lógicas relacionais dos membros com idade avançada e percebi que outras pessoas trilhavam um caminho similar ao de minha mãe: aprendizagem de recursos básicos, comunicação interpessoal, desenvolvimento de conteúdos ou estratégias comunicacionais próprias. Com base nesta observação, realizei o levantamento teórico apresentado, e sintetizei aspectos de relações sociais e conteúdos veiculados em do Facebook. Foram realizadas sete entrevistas a partir da seleção de pessoas com intensa atividade nos grupos observados, com o intuito de “compreender os significados que os entrevistados atribuem às questões e situações relativas ao tema de interesse” (GODOI, 2006, p.134). Esta seleção foi operada a partir de uma “amostragem em

cadeia”, ou estratégia metodológica da bola de neve, quando o sujeito central da pesquisa recruta conhecidos para comporem a amostra. O grupo de amostra cresce como uma “bola de neve”, construindo dados úteis para a pesquisa (KATZ, 2006). Tal estratégia é frequentemente empregada para pesquisar comunidades escondidas, como de usuários de drogas, mas é útil no caso aqui estudado, para entrar em aspectos cotidianos de usuários de tecnologia que não mais participam de circuitos sociais públicos, como trabalho, escolas, e até mesmo igrejas – e que são melhor acessados a partir de pessoas nas quais já confiam.

No caso em análise, a entrevistada I.C. constitui-se como polo central desta cadeia. Através de uma série de entrevistas em profundidade com I.C., analisadas conjuntamente com a observação das interações nos grupos do Facebook, chegou-se a um grupo de outras seis pessoas (quatro mulheres e dois homens). A técnica da bola de neve permite traçar estimativas sobre as lógicas dos circuitos em rede deste grupo. Há um potencial problema de criação de vieses na pesquisa, enfrentado com a confrontação com a literatura acadêmica, com outros tipos de amostra, e também com pesquisas quantitativas.

Observamos que, junto à rápida propagação das tecnologias móveis (SILVA, 2013; LEMOS, 2005), os usos são acompanhados por formas de aprendizagem que possibilitam a exploração de modalidades de relação interpessoal na idade avançada e a produção de conteúdo próprio – minimizando impactos do envelhecimento como dificuldades com mobilidade ou isolamento e proporcionando atividades intelectuais e cognitivas intensas.

Adultos com idade avançada e o uso de tecnologia digital

O aumento da expectativa de vida em todo o mundo tem relação com os “avanços da medicina, da farmacologia, das melhorias sanitárias” e “do reconhecimento dos direitos dos idosos” (TAVARES; SOUZA, 2012, p.1). No Brasil, entre os censos de 2000 e 2010, houve um aumento de 20 milhões de pessoas na população de idosos. Concomitantemente, ocorre uma maior apropriação tecnológica em países em desenvolvimento, como o Brasil. Com isso, os papéis ocupados por idosos mudam, com ênfase à continuidade da ocupação de postos de trabalho e desenvolvimento de atividades autônomas, que demandam uma constante atualização tecnológica (RAYMUNDO, 2013).

Biologicamente, o envelhecimento é caracterizado como uma “degradação progressiva”, com vulnerabilidade física, funcional, na resistência e na cognição dos indivíduos (CANCELA, 2007). Mas o envelhecimento não é experimentado de forma

idêntica por todos os indivíduos – e por isso políticas públicas visam garantir qualidade de vida para as pessoas que envelhecem, perpassando todas as áreas, desde saneamento básico, habitação, serviços médicos, até educação, informação, artes e comunicação. Ao melhorar as condições de envelhecimento, são melhorados aspectos econômicos, pela diminuição da quantidade de pessoas consideradas inativas ou dependentes (RAYMUNDO, 2013).

Contemporaneamente, há uma ênfase para a apropriação e utilização de tecnologias digitais como promotoras da independência e socialização dos indivíduos em processo de envelhecimento. O declínio das funções cognitivas, por exemplo, pode ser minimizado. A aprendizagem de tecnologias digitais e a vivência de relações sociais na internet auxilia no desenvolvimento de velocidade de raciocínio, memória, processamento de informações e capacidades sensoriais e de percepção (CANCELA, 2013). Entre os brasileiros com mais de 60 anos, 5,7% utilizavam a internet em 2005 – o percentual mais que dobrou na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2013, com dados divulgados em 2015 que apontavam para 12,6% de internautas nesta faixa etária³. Estes índices favoráveis são verificados apesar das dificuldades apontadas por pesquisas que estudam a adoção de tecnologias digitais por adultos com idade avançada e detectam problemas quanto ao tamanho, demandas de manuseio (por restrições sensoriais e motoras), existência de múltiplas e complexas funções, difíceis de serem executadas, em razão da degradação cognitiva e dificuldade de administrar tarefas simultâneas (GOLDMAN, 2007).

Na utilização de tecnologias, interferem ainda formação educacional, características econômicas, e tipos de atitude: medo e receio (de quebrar ou danificar aparelhos) dificultam a adesão, enquanto que reconhecimento da utilidade, da facilitação da vida e a vontade de aprender motivam que as pessoas usem equipamentos tecnológicos (RAYMUNDO, 2013). Além das mudanças constantes, Tavares e Souza (2012) analisam que quanto às aplicações não são pensados elementos de acessibilidade básicos. Bacha et al. (2013) tomam dados da Anatel analisam que preponderava uma “baixa utilização dos recursos disponíveis nos smartphones touchscreen por usuários de mais de 55 anos”.

Considerando-se o número crescente de vendas de celulares inteligentes, em detrimento de computadores e celulares básicos, há crescentes indícios de ampliação dos tipos de uso. Esta lógica é reforçada pela análise de que os celulares passaram a ter uma centralidade na vida cotidiana, tornando-se parte das condições para a inclusão simbólica dos indivíduos (BACHA et al., 2013). Quando analisamos os tipos de interações realizadas

³ <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,acesso-a-internet-avanca-entre-idosos-pessoas-sem-instrucao-e-de-baixa-renda,1678148>

por pessoas de idade avançada no Facebook, observamos que a incorporação de tecnologias móveis tem permitido outros níveis de utilização da internet, como, por exemplo, a produção e compartilhamento de conteúdos.

Relações sociais em ambientes digitais

O tempo e a socialização têm relação direta com uma requalificação do significado do envelhecimento: ao invés de projetar o fim da vida, recolhendo-se para a espera das visitas dos filhos e dos netos, os adultos com idade avançada podem desenvolver projetos de futuro e inclusive manter uma participação ativa em questões políticas e sociais. O trabalho com dispositivos digitais, ao promoverem aspectos ativos para pessoas em envelhecimento, contribui para a otimização do tempo livre que pode haver depois da aposentadoria (VERONA et al., 2006, p. 190).

A preocupação com o “envelhecimento ativo”, que possibilitaria uma redução nas perdas cognitivas, tem feito com que várias pesquisas se voltem aos dispositivos tecnológicos digitais e à internet, que poderiam “ajudar a diminuir o isolamento e a solidão, aumentando as possibilidades de manter contatos com familiares e amigos, incluindo suas relações sociais através das redes sociais digitais” (JANTSCH et al., 2012, p. 173). Tais redes sociais são compreendidas como o conjunto entre atores (os nós, que podem ser indivíduos, instituições, blogs, etc.) e suas conexões, compreendidas a partir das interações entre os atores e a formação de laços. Em contextos digitais, estas redes precisam ser abrigadas em ambientes tais como os sites (RECUERO, 2008).

A própria constituição de articulações entre atores se transforma em conteúdo na internet, e o tipo de arquivamento, busca e publicização destes conteúdos permitem que sejam apropriados e transformados por outros. Os ambientes digitais se tornam propícios para a produção colaborativa de conteúdo (PRIMO, 2013) – entendendo-se que esta colaboração envolve algum nível de dispersão e fragmentação, além de possibilidades de transformação e remixagem (KLEIN, 2015). Portanto, o sentir-se em grupo ou comunidade em de redes sociais digitais não é meramente imaginário, mas uma vivência experimentada pelas pessoas a elas vinculadas.

Entre os ambientes que permitem tais níveis de associação e a formação de comunidades, o destaque no Brasil é o Facebook, lançado em 2004 por Mark Zuckerberg e aberto para inscrições em 2006 (RECUERO, 2008). Em 2015, mais de um bilhão de

pessoas estão vinculadas ao site (EXAME, 2015), com estimativa de que 800 milhões destes usuários acessem a rede via dispositivo móvel. Há 89 milhões de brasileiros acessando a rede regularmente. Para avaliar a importância do site no país, as eleições de 2014 foram consideradas o assunto mais comentado da história do Facebook⁴.

Por conta da penetração do site entre os brasileiros, instituições de diversas áreas de atuação procuram criar “páginas” públicas no Facebook, e desenvolvem estratégias de criação de conteúdo e “engajamento” do público – o que também acontece com instituições cujo foco recai sobre adultos com idade avançada. A partir da análise de uma página sobre “terceira idade” no Facebook, Miné (2014) avalia curtidas e compartilhamentos de postagens e observa que a preferência dos seguidores é por assuntos relacionados a coisas positivas, felicidade e memória (MINÉ, 2014, p. 3). Entre as pessoas de mais de 60 anos que acessam a internet, a maioria tem como finalidade a “comunicação interpessoal”, sendo o Facebook o site mais procurado (MINÉ, 2014, p.5). A busca de comunicação está diretamente ligada às preocupações apresentadas por idosos: perder agilidade física e mental e a autonomia para atividades, não ter dinheiro para despesas médicas ou para manter-se, e medo de dar trabalho para familiares ou ser abandonado (MINÉ, 2014, p.6).

Várias pesquisas de amostra conveniente e com pequeno número de entrevistados, no Brasil, convergem com tais indicadores. Em pesquisa de Jantsch et al. (2012, p. 175), o Facebook também aparece como preferência entre os representantes da amostra com 19 idosos, que pretendem se comunicar, trocar informações e “encontrar pessoas do passado”. Em pesquisa de 2006, Verona et al. (2006) analisam a opinião de 32 idosos de São Paulo sobre a internet e identificam resultados similares: que tais pessoas buscam a comunicação, que veem aspectos positivos no uso do computador (elemento analisado) e na internet e que uma minoria apontava a ocorrência de dificuldades no uso do computador.

Harold Rheingold (1993) analisa que o conceito de comunidade tem a ver com a existência de relações sociais que produzem ou tomam por base coisas em comum. Isso pode acontecer na internet quando pessoas conversam sobre os mesmos assuntos por um período longo, sendo construídos laços de interesse. Mesmo que estas pessoas nunca tenham estado em presença física, ocorrem trocas de ideias, valores e informações por meios digitais, a partir do que Rheingold chama de “economia da dádiva”, que consiste no compartilhamento de um tema de interesse e de disponibilidade para a troca. Até mesmo desejos e aspirações passam a compor as relações entre estas pessoas, com a vantagem de

⁴ <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/eleicoes-brasileiras-foram-mais-comentadas-da-historia-do-facebook.html>

que é mais fácil encontrar alguém que compartilhe de sua visão nas redes digitais, pela facilidade de conexão com grupos de interesse. Assim, ocorre uma influência direta destas comunidades na internet sobre a formação de identidades (RHEINGOLD, 1993).

Pierre Levy (2004) analisa as interações na internet como constituídas por bases materiais e de cognição, de circuitos e de possibilidades de bricolagem, de estudo individual e trabalho coletivo – e o que é produzido individualmente pode contar com a crítica de outros e ser modificado. Esta lógica é centrada nos indivíduos, contrária ao peso das grandes estruturas e instituições. No tocante aos aspectos materiais da tecnologia, Levy da centralidade da especialização restritiva dos sistemas passa-se à constituição de bases menos “duras”, mais “acessíveis” da tecnologia, abrindo possibilidades para pensar os usos por indivíduos e por grupos sociais (LEVY, 2004).

Em pesquisa sobre idosos no extinto site Orkut, Olmo (2012) analisa tópicos sobre saúde e se surpreende com o fato de os assuntos serem geralmente tratados a partir da divulgação de dados do governo e links de notícias, sem grande adesão dos membros das comunidades para discussão. A autora analisa como assuntos mais postados a “hipertensão, diabetes, medicamentos, terapias alternativas e exercício físico”. É interessante notar que tais temas são muito diferentes dos temas analisados por Miné (2014) na página do Facebook dedicada à “terceira idade”, onde se apresentam questões emocionais, de recordação e positividade – convergindo com um sentido mais amplo de saúde, ligado à lógica do bem estar, o que permite pensar que os assuntos que interessam às pessoas em envelhecimento também passam mudam quando considerada uma mídia colaborativa. Este é um importante indicativo para analisar as transformações nas lógicas de produção de conteúdos pelas pessoas com idade avançada em seus próprios grupos de interação.

Associação e produção de conteúdos por adultos com idade avançada no Facebook

Em grupos do Facebook, adultos com idade avançada articulam-se entre si e com outras pessoas, sendo a abordagem temática e por interesse mais representativa para os modos de associação do que a faixa etária em si. Assim, questões como qualidade de vida, mensagens positivas, trechos de poemas, imagens bonitas, recordações e certas formas de “aconselhamento” apresentam-se como motivações para a vinculação entre pessoas.

A ferramenta que possibilita a organização em “grupos” no Facebook foi criada em 2010, como uma resposta à demanda dos membros do site sobre a necessidade de

publicação de conteúdos restritos a um coletivo de pessoas⁵ (FACEBOOK, 2010). Em 2015, as configurações dos grupos variam entre “público” (com prevalência de conteúdos e associações abertas a qualquer membro do Facebook), “fechado” e “secreto” (com prevalência de conteúdos e associações restritas, sendo a diferença entre estes a impossibilidade de busca para não membros para o caso da configuração “secreta”)⁶. Após poucos anos de experimentação, os grupos no Facebook passaram a ser valorizados inclusive em ambientes acadêmicos, até mesmo como complementação do trabalho em sala de aula (PEREIRA, 2014), dada a possibilidade de interação, publicação, envio de arquivos.

O aproveitamento de todas estas modalidades interativas está na base de organização dos grupos analisados nesta pesquisa. Tais grupos foram criados por adultos com idade avançada e todos têm em comum o vínculo de seus membros com a cidade de Ijuí/RS. A partir do uso cotidiano da ferramenta de grupos, os indivíduos envolvidos conectam-se, observam-se, entram em contato e aprimoram as lógicas de relação, expandindo os circuitos em que desenvolvem suas atividades diárias. Todos os grupos são fechados para membros, que podem fazer publicações. Como as pessoas dos três grupos se relacionam entre si, a constituição destes vínculos está na base da análise realizada.

O grupo “imagens e mensagens legais” foi criado em abril de 2014. Conta com 18.700 membros em julho de 2015, e tem por objetivo a publicação de frases, mensagens positivas, trechos da Bíblia, orações. São feitas cerca de 30 a 40 postagens por dia, algumas com centenas de curtidas e comentários.

A partir da observação e das entrevistas, percebeu-se que a lógica das interações define o rumo que os grupos tomam. Ao ser criado, o grupo “Imagens e mensagens legais” vinha com a intenção de organizar conteúdos que I.C. gostava de receber, mas que perdia na vastidão do fluxo do Feed de Notícias do Facebook. A ideia inicial era guardar imagens da “Nossa senhora do silêncio”, que “apareciam” todos os dias, mas “sumiam” também. Conjuntamente, I.C. pensava em guardar “mensagens bonitas”: antes do grupo existir, para poder mantê-las visíveis, precisava “fazê-las subir”, voltar ao topo – com o que aprendeu a usar-se da estratégia dos comentários e das curtidas. Ao comentar, a postagem “subia”. Como em geral tratavam-se de mensagens religiosas, I.C. observou a atitude de outras pessoas e a repetiu, escrevendo “amém” sob as postagens. Com o tempo, I.C. descobriu a possibilidade de criar grupos e, junto com uma das filhas, pensou que esta seria uma boa alternativa para guardar os conteúdos.

⁵ <https://www.facebook.com/FacebookBrasil/videos/1544398803213/>

⁶ <https://www.facebook.com/help/220336891328465>

No começo das atividades, I.C. havia registrado pessoas da família como integrantes do grupo, para que estes pudessem enviar conteúdos de seu interesse para este destino. Logo na primeira semana, a abrangência foi estendida para amigos e pessoas próximas. Com isso, a visualização do grupo aumentou e I.C. começou a receber pedidos de adesão. As solicitações foram aceitas lentamente, a partir da verificação do perfil dos interessados. Conforme as aceitações ocorriam, mais solicitações eram recebidas. I.C. diz ter-se espantando com tamanha repercussão e que por vezes “não sabia o que fazer”. As decisões eram tomadas em conversas com filhos e netos e aos poucos o trabalho com o grupo foi tomando uma importante dimensão de sua rotina. As postagens de outras pessoas eram cuidadosamente analisadas antes de serem publicadas e I.C. procurava as responder. Às vezes, achava que “não cabia o amém, mas outra coisa, porém escrever ‘amém’ era mais rápido e fácil, já que a palavra contém muitos significados”. Por outro lado, notava que não podia comentar mensagens que diziam “bom dia” repetindo o dizer se a houvesse lido à noite – e para estes casos o “amém” também tinha validade.

A ação de responder “amém” é também comum em outros grupos, e foi adotada por vários membros do grupo recém-criado. Em poucas semanas, já havia milhares de participantes. As postagens são feitas por várias pessoas, algumas com frequência regular, em certos casos, postam várias vezes ao dia, assumindo papéis similares aos da própria administradora do grupo. O perfil das postagens, que no começo das atividades era descentralizado entre questões religiosas, frases de apoio, trechos literários, fotos inspiradoras de natureza e animais, concentrou-se no eixo da religião. I.C. conta que tentou fazer com que houvesse um caráter mais plural, insistindo em postagens diversificadas. Mas a ação coletiva se sobrepôs. “Certa vez, o grupo chegou a ficar com uma característica de grupo de oração, que parcialmente se mantém, mas agora acrescidas de mensagens de otimismo, de apoio, de conforto”, avalia I.C., que nota que várias religiões são representadas, embora haja uma tendência a não aceitação de crenças externas ao cristianismo. I.C segue a tendência das postagens dos integrantes do grupo para fazer as suas publicações, selecionando “coisas que as pessoas gostam”. Ela também observa aspectos concernentes ao tipo de uso da tecnologia:

gosto de colocar coisas coloridas e com poucas palavras, porque é o que as pessoas gostam de ver e que podem abrir com o celular. Às vezes é difícil para abrir se a publicação é grande. Também percebi que poucas vezes são abertas publicações externas ao Facebook, como vídeos, por exemplo. As pessoas gostam de coisas

novas, não há adesão para coisas repetidas. E aprendi que é preciso verificar a origem das postagens, para se manter a credibilidade do grupo (I.C., 2015).

Algumas pessoas, assim que adicionadas ao grupo, passam a atuar intensamente na forma de comentários, curtidas e postagens. A maioria das postagens é de imagens. Quando há textos, em geral fazem parte das imagens, e são curtos. “As pessoas não gostam de textos longos”, comenta I.C. Uma das pessoas mais ativas no grupo é M.V., que diz que sua atividade no Facebook ocorre para “evangelizar”. Suas postagens tratam de questões comportamentais, visando à boa conduta pública, o aproveitamento da vida, mensagens referindo-se a Deus. “Procuro postar frequentemente coisas que venham trazer conforto espiritual, psicológico, e coisas que falem de Deus “.

M.V. usa, além do tablete, o notebook, e trabalha com programas de imagem como o *Paint* e o *PowerPoint* para produzir publicações de sua autoria. O uso dos equipamentos digitais começou há dois anos e seu percurso foi de experimentação dos objetos, sendo o mais difícil o smartphone. “No início, tive muitas dificuldades. Pedi ajuda aos parentes, mas essa linda juventude não gosta muito de ensinar então fui aos poucos aprendendo”. Recentemente, M.V. passou a postar coisas que ela própria cria. Ela observa publicações de outras pessoas e, eventualmente, identifica a necessidade de ajudá-las.

No início, algum nível de tensionamento existiu, o que também se explica pelo fato de as pessoas estarem investigando como e o que fazer para o grupo, quais as características das publicações, quando e como postar coisas. Com o tempo, as pessoas mais assíduas no grupo passaram a se considerar amigas, com envios de mensagens privadas e algumas conversas sobre a vida de cada um. I.C. e M.V. costumam trocar mensagens, desejam-se bom dia, boa noite, trocam informações sobre a vida uma da outra. Esta ação é repetida entre vários membros dos grupos. Assim, o sistema de mensagens diretas é usado tão frequentemente por membros ativos quanto os contatos públicos, via postagens nos grupos.

No processo de observar as publicações de outras pessoas, I.C. trilhou caminho semelhante ao de M.V. e passou a produzir seus próprios materiais, em geral uma combinação de pequenos textos com imagens. A produção de conteúdo não é um objetivo ou prática seguida por todos os que se vinculam a um grupo. A.M., por exemplo, prefere “ver, curtir, receber postagens”, diz que gosta de comentar e compartilhar, mas raramente. Ela igualmente usa o tablet, pois o considera mais fácil de usar, além da mobilidade: “levo aonde vou”. A.M. também foi presentada com o tablet pelo filho, após ter perdido o marido. A ideia era que ela iria “conhecer gente nova”. O aspecto da comunicação com

outras pessoas é ressaltado como a característica mais marcante: “no Facebook, eu comecei a conhecer amigas novas, a trocar mensagens... Isso me deixa feliz, pois recebo mensagens bonitas. Não uso Facebook para notícias, só para falar com pessoas que eu admiro muito”.

A.M. procura o bem estar pessoal na internet, e diz ter aprendido que pode usar o Facebook para ajudar outras pessoas: “quando um amigo pede nossas orações, mesmo à distância podemos ser úteis para com um irmão virtual”. A.M. Avalia que suas relações com outras pessoas melhoraram a partir da inserção em grupos do Facebook: “hoje sou mais feliz. Nunca mais me senti só, pois quando fico triste corro para o tablet”.

E.V. minimiza o impacto de sua atuação em redes sociais digitais e a integração com outras pessoas, diz que foi “sempre muito bem comunicativa” e que este aspecto não foi melhorado em redes digitais – apesar disso, E.V. iniciou sua participação no Facebook após ser aposentada por invalidez no trabalho. E.V. utiliza principalmente o computador, diz que ainda está aprendendo e que conta com a ajuda de filhos e netos – especialmente para o uso de “emoticon e smile”. Ela procura utilizar várias funções disponíveis no Facebook: curte e comenta as postagens que visualiza e todos os dias compartilha conteúdos nos grupos dos quais participa. E.V. também produz materiais, associando imagens com pequenos textos, e às vezes agrega uma pequena mensagem na própria postagem do Facebook.

I.M. também lista necessidade de relacionar-se com outros como parte de sua participação no grupo. Ela usa o smartphone e explica que as dificuldades são sanadas por sobrinhos, uma vez que quando ela estudou “tinha outro tipo” de tecnologia, “como a máquina de datilografia”. Apesar das dificuldades que ela enfrenta, sua posição é otimista com a tecnologia: “feliz das pessoas que têm esta tecnologia avançada. No Fantástico passou uma matéria sobre jovens de escola pública que trabalham com robôs, cada um fazendo uma música diferente da outra”. I.M. não faz muitas postagens, mas comenta a maioria delas e mantém contato permanente com outros membros do grupo, como I.C.

Com o avanço do trabalho no Grupo Imagens e Mensagens Legais, I.C. criou o grupo “Imagens de Ijuí”. Criado em setembro de 2014, o grupo “imagens de Ijuí” tem 3.670 membros em julho de 2015 e destina-se basicamente à publicação de fotografias da cidade. A característica inicial era de publicação de coisas referente a casas, prédios e ruas da cidade. Porém, I.C. relembra que começaram a chamar a atenção as postagens com um pôr-do-sol, que tinham muitas curtidas e também eram produzidas por muita pessoas. Assim, já nas primeiras semanas, as postagens sobre o clima, sol, lua e marcação do tempo se consolidaram como o segundo tema chave do grupo. Em geral, são feitas cerca de duas

publicações diárias e há uma média de 30 curtidas para cada publicação. Há dias, no entanto, em que fenômenos naturais motivam que muito mais pessoas publiquem, como na ocorrência de temporal ou de um arco-íris visto em toda a cidade. O crescimento deste grupo motivou o surgimento de um novo rol de contatos e de tipos de interação para I.C.

Um dos membros mais assíduos é O.T. Os dois homens entrevistados nesta pesquisa manifestaram ter menos dificuldades com a tecnologia digital. O.T. começou a trabalhar com computadores nos anos 1970, num tempo em que a experimentação era a maior aliada para superar as dificuldades. Ele conta com os netos para manter-se atualizado, mas segue utilizando o computador para fins de trabalho, sobretudo para a contabilidade – que também faz para a igreja. Em casa, “faz relatórios, textos, controles bancários, estas coisinhas mais simples”, além de manter contatos e buscar “notícias menos tendenciosas do que na TV e em algumas revistas e jornais”.

Vejo, curto, comento e compartilho, sempre quando acho que algo merece, de acordo com meu critério e com o grau de amizade com a pessoa que postou. Sou um pouco seletivo. Uso muito também para postagens de opiniões e comentários próprios. Agora o que gosto muito é de postar vídeos de músicas de outros, ou que tenha algum ensinamento útil ali contido para divulgação de assuntos sérios, Igreja, amizades, etc.

A participação no grupo Imagens de Ijuí tem relação com seu próprio perfil de postagens no Facebook: “posto, até exageradamente, fotos de paisagens e vídeos que eu mesmo faço de tudo que é tipo, festas, aniversários, bailes, celebrações religiosas”. A partir do grupo “imagens de Ijuí” foi realizado um encontro presencial, com algumas das pessoas que mais fazem postagens. Os laços de relacionamento no Facebook expandiram-se e também passaram a envolver familiares das pessoas conectadas na rede através do grupo. A Experiência do grupo “Imagens de Ijuí” suscitou a curiosidade de uma pessoa nascida na cidade, mas moradora de outro estado. L.C. começou a fazer perguntas sobre os locais fotografados pelos membros do grupo. Através das respostas a estes questionamentos, I.C. descobriu que L.C. tinha interesse no estudo da história do município e sugeriu que este criasse um novo grupo, dedicado ao tópico.

Assim, foi criado o grupo “Ijuhy de antigamente”, em outubro de 2014, destinado à publicação de fotografias, documentos históricos e informações sobre “o passado”. Por dia, são feitas duas postagens, a maioria pelo administrador, L.C., que é rigoroso na seleção do que pode ser publicado. Na descrição do grupo, ele avisa que o que não tiver relação com o

passado será apagado. As publicações de locais históricos mais conhecidos pelas pessoas chegam a ter uma média de 80 curtidas – outras postagens têm entre 30 e 40 curtidas.

L.C. utiliza um notebook, pois viaja com frequência. Trabalha com computadores desde os anos 1990 e antes disso utilizava máquina de escrever. Não sabe usar tablet e comprou em julho de 2015 um smartphone, que à época da entrevista, ainda estava aprendendo a usar. L.C. diz que se repete o problema de início de uso da tecnologia: há maiores “dificuldades de gravar os procedimentos iniciais. Mas depois com a prática se aprende. O segredo é praticar, mexer”. L.C. diz que não conta com a ajuda de outra pessoa para aprender, no máximo alguma pergunta a amigos, e que usa tecnologia digital para manter contato com outras pessoas e para o trabalho com dependentes químicos.

Sua utilização dos grupos do Facebook iniciou-se basicamente para manter vínculos com a cidade de origem e este foi o motivo da criação do grupo que administra. Suas postagens também têm por objetivo alimentar o blog que mantém, sobre a história da cidade. Para atrair a adesão de comentadores que fizessem contribuições para seus estudos, L.C. faz montagens de fotografias, com textos publicados em jornais, partes de livros e imagens atuais. Frequentemente faz perguntas e anuncia, com suspense, alguma descoberta que será lançada. As publicações continuam se amparando em postagens do grupo Imagens de Ijuí e muitas pessoas participam dos dois grupos. Apesar da intensa atividade, L.C diz que já se sente “cansado”. “A maior parte dos assuntos têm pouco aproveitamento para a vida pessoal ou comunitária. Muita porcaria e exibição do ego pessoal de muitos”. L.C. avalia com criticidade a experiência com as tecnologias, já que não foi aumentado o tempo para o lazer, como um dia propagado. Sobre o Facebook, analisa negativamente o fato de não se dispor de ferramentas para a organização e busca de arquivos.

Considerações finais

A possibilidade de se fazer publicações para a um grupo pré-definido de pessoas gera agrupamentos inesperados, formados a partir do interesse em comum. Há uma simbiose entre a ferramenta digital e a criação de modalidades interativas. Nota-se que os organizadores dos grupos exploram todas as configurações oferecidas pelo Facebook: interação, publicação, envio de arquivos, análise de postagens, comentários, mensagens. Embora podendo explorar a lógica da conexão dispersa da internet, observamos que o local também participa como definidor da organização dos grupos. Até grupos com denominação local de uma pequena cidade possuem milhares de membros.

É possível verificar a lógica de configuração de redes pela atuação dos membros dos grupos. A partir da vinculação entre os membros, surgem novas demandas e expectativas sobre a realidade, o que motiva sua rearticulação em função de novos grupos. Além disso, as relações sociais se expandem e se cruzam, gerando contatos diversos. Pessoas com idade avançada criam os grupos, mas o público se diversifica. Assim, embora as publicações por interesse estejam vinculadas às lógicas e demandas de uma faixa etária, contemplam outras pessoas e há uma diversificação da interação. Mesmo que o tema seja concordado pelas lógicas interativas, a dinâmica de constante ingresso de outras pessoas suscita novos temas, promove o contato com o diferente, demanda que os membros ativos analisem e mudem suas estratégias de ação. Assim, além de conhecerem pessoas, adicionarem pessoas às suas vidas, também aprendem sobre aspectos interativos próprios das redes digitais.

Observa-se uma constante auto avaliação pelos membros entrevistados – embora a pesquisa fizesse apenas uma pergunta deste tipo, sobre a possível ocorrência de incremento nas relações com outras pessoas. Assim, nota-se o aspecto de que ao serem vistos, precisam refletir sobre si mesmos. Membros de um grupo passam a se considerar amigos, a falar de si, a divulgar suas vidas – criando testemunhas de suas existências, diminuindo os sentimentos de solidão e isolamento presentes na idade adulta avançada. Ao mesmo tempo, refletem sobre o papel do Facebook e importância da tecnologia.

Chama atenção o papel das tecnologias móveis para a inserção de mulheres na internet. Estudos similares tratam desta ocorrência tendo em conta populações carentes e jovens. Este é um eixo a ser explorado com em uma próxima pesquisa, conjuntamente à investigação sobre adultos em idade avançada e os usos de tecnologia em Natal, RN.

Referências

BACHA, Maria de Lourdes; FIGUEIREDO NETO, Celso; SANTOS, Jorgina; ATINEÉ. **Socorro, os ícones sumiram! Smartphone touchscreen e usuários adultos de idade avançada.** Trabalho apresentado no Simpósio de excelência em gestão e tecnologia. 23 a 25 de outubro de 2013.

BORGES, Roberto Cabral de Mello. **Uso de tecnologias de informação e comunicação por adultos de idade avançada:** considerações na área educacional. 2012. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CANCELA, Daiana Manuela Gomes. **O processo de envelhecimento.** Trabalho realizado no estágio de complemento ao diploma de licenciatura em psicologia pela Universidade Lusitana do Porto. 2007. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>

CLAUDIO, Janaína Pereira. **A comunidade surda digital no Facebook.** VIII Simpósio Nacional da ABCiber. ESPM-SP – 3 a 5 de dezembro de 2014.

EXAME. **Um bilhão de pessoas acessarão Facebook pelo celular em 2015.** <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/1-bilhao-de-pessoas-acessarao-facebook-pelo-celular-em-2015>

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas. Fundação Getúlio Vargas, v.35, n.3, 1995. p.20-29.

GOLDMAN, s. n. **Envelhecimento e inclusão digital.** In: FREITAS, E. V. AT AL. Tratado de geriatria e gerontologia. 2a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007, p. 1466-1472.

JANTSCH, Anelise; MACHADO, Letícia Rocha; BEHAR, Patrícia Alejandral; LIMA, José Valdeni de. **As redes sociais e a qualidade de vida: os idosos na era digital.** IEEE-Rita. Vol 7, No. 7, Nov, 2012. Pp. 173-179.

KATZ, Hagai. **Global surveys or multi-national surveys?** On sampling for global surveys Thoughts for the Globalization and Social Science Data Workshop UCSB, November 9, 2006

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2004. 13ª. Edição.

MINÉ, Tania Zahar. **De bem com a vida: idosos no Facebook.** Trabalho apresentado no Congresso Internacional Comunicação e Consumo. PPGCOM ESPM, São Paulo, 8 a 10 de outubro de 2014.

OLMO, Bruniele. **Comunidades virtuais do Orkut como via de comunicação e informação para idosos.** Conferências Rede Unida, 10º Congresso Internacional da Rede Unida. 2012.

PEREIRA, Antonia Alves. **Grupos do Facebook como complemento às disciplinas presenciais de Jornalismo.** Comunicação oral no GT 4 – Estudo e ensino de Ciberjornalismo e mídias sociais. Simpósio Internacional de Ciberjornalismo. 27 a 29 de agosto de 2014. Campo Grande, MS.

PRIMO, Alex. **Interações em rede.** Porto Alegre: Meridional, 2013.

RAYMUNDO, Taiuani Marquine. **Aceitação de tecnologias por idosos.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades Bioengenharia – Escola de Engenharia de São Carlos/ Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/ Instituto de Química de São Carlos, da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community.** ADDISON-WESLEY PUBLISHING COMPANY Reading, MA. 1993.

SILVA, Sandra Rubia. **Telefones celulares e a educação para a cidadania.** 9º Encontro Nacional de História da Mídia. UFOP – Ouro Preto, MG, 30 de maio a 1 de junho de 2013.

SILVA, Rafael. **Facebook alcança um bilhão de usuários mensais ativos.** Tenoblog. <https://tecnoblog.net/115455/facebook-1-bilhao-usuarios-ativos/>

TAVARES, Marília Matias; SOUZA, Samara Tomé Correa de. **Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação.** CINTED-UFRGS. V. 10, No. 1, julho, 2012.

VERONA, Silvana Marinaro; DA CUNHA, Cristiane; PIMENTA, Gustavo Campos; BURITI; Marcelo de Almeida. Percepção do idoso em relação à internet. Temas em psicologia. 2006. V. 14, no. 2, 189-197.